

GT 13: Imagens e Sociedades: balanço crítico das possibilidades analítico-interpretativas.

Coordenadores: Edgar Teodoro da Cunha e João Martinho Braga de Mendonça

Título: IMAGEM E PENSAMENTO EM ANTROPOLOGIA: Algumas novas considerações

Autor: **Etienne Samain** – UNICAMP

Filiação institucional: DECINE-Instituto de Artes - Unicamp

Entro diretamente no assunto ao lembrar três dados:

1) O conceito de “Antropologia Visual” não passa de uma “etiqueta” que poderia nos enganar, fazendo-nos crer no surgimento recente de uma maneira nova de fazer a antropologia. É evidentemente um erro. Se podemos falar de “Antropologia Visual” hoje, é porque sabemos que tanto a antropologia como a fotografia nasceram ao mesmo tempo, nos meados do século 19 e tal concomitância nos convida a não perder mais tempo, pensando ter de reinventar a roda. É fundamental, sim, fazer uma *História* da Antropologia Visual, isto é, descobrir o que já foi feito por antropólogos.

Os mais famosos laboratórios de aprendizagem da Antropologia Visual permanecem para mim sendo o que fez Malinowski, nos anos 1914-1918, no meio dos nativos das ilhas trobriandesas no Pacífico Ocidental e o que realizou, em Bali, o casal Gregory Bateson e Margaret Mead, durante três anos, quando procuravam explorar, verbo-visualmente, de que modo uma criança nascida em Bali torna-se uma criança balinesa, ou seja, através de que condutas ensinadas pelo seu meio social, distinguir-se-á, para sempre de uma criança nascida, por exemplo, em Manaus, ponto exato aos antípodas da pequena vulcânica de Bali: o *ethos*, o “caráter” balinês, o “estilo de ser e de viver” balinês.

2) A antropologia, as ciências sociais e os antropólogos, por sua vez, depositaram uma confiança quase cega na magnificência heurística da escrita. Uma espécie de devoção, de culto à escrita que ao ser posta frente às visualidades (dos mais vários tipos) possui efetivamente um poder enunciativo sem precedente face à imagem a qual, todavia, detém um poder despertador e estético único.

3) O saber dos antropólogos tomou resolutamente o *parti-pris* do verbal (o que já Margaret Mead denunciava em 1973, em Chicago, anos antes de sua morte). “O alfabeto é a escrita dos etnólogos”, acrescenta com fineza Anne-Marie de quem voltarei a falar em breve. Mais gravemente, “esse saber” (originado na “verbalidade”, no “texto”) pensa – como muitos antropólogos ainda – poder dispensar, ignorar, relegar os importantes questionamentos e as complexas mutações da comunicação humana, neste momento preciso em que vivemos. Com isto, quero acrescentar com certa ironia que “Comunicação e antropologia dão-se muito bem e comunicam-se muito mal. Essas ciências humanas se imaginam mais do que se conhecem, anarcisam-se mais do que buscam se explorar mutuamente. Para ser breve: elas se ignoram. Essa situação está em fase de implosão, felizmente. Implosão, na medida em que os próprios antropólogos deverão – em breve – se aposentar, ou se perguntar de quê homens, de quê sociedades

estarão ainda falando, quando uns e outros estão já engajados em teias comunicacionais cada vez mais performáticas, não somente enquanto meios, porém mais profundamente enquanto modos de pensar o mundo e maneiras de se organizar socialmente (Jack Goody).

Com poucas palavras, parto do pressuposto de que as imagens têm uma vida própria, para além de suas intenções de origem, de seus autores. Uma vez criadas, elas, para assim dizer, são lançadas em espaços que não são neutros nem exclusivos, e que de forma muito concreta as colocam em interação com outras imagens. Penso que essas inter-relações comunicacionais são – e sabemos disto – os pontos de eclosão – também com a fala e a escrita – das culturas humanas e de suas dinâmicas.

Eis os contornos gerais a partir dos quais farei três outras considerações.

A primeira: há necessidade de acreditar no poder da imagem, de fazer confiança às imagens e não pensar que devemos reinventar a roda.

Se dar conta de que a antropologia tem como exigência fundamental o exercício de “observar” o homem, na sua vivência, mas que, além de “descrevê-lo”, deverá ser capaz de “mostrá-lo”, de “dá-lo a ver”

Gosto muito da escrita e daquilo que ela nos proporciona. Gosto cada vez mais das imagens, não somente porque enriquecem muito o “discurso” antropológico, mas na medida em que elas inoculam nesse discurso uma dimensão que pode ser estética. Não existe assim uma dicotomia entre duas maneiras de pensar o ser humano, uma sociedade, uma cultura dada, o que, magistralmente, Lévi-Strauss nos falou no seu famoso “Pensamento Selvagem” quando escrevia (cito):

“Existem dois modos distintos do pensamento científico [não evidentemente, dois estágios do desenvolvimento humano]... dois níveis estratégicos onde a natureza [isto é “esse mundo” no qual vivemos] deixa-se atacar pelo conhecimento científico... [a saber] o primeiro, aproximadamente ajustado ao da *percepção* e da *imaginação* e o outro deslocado [...] como se as relações necessárias, objetivo de toda ciência [seja ela neolítica ou moderna] pudessem ser atingidas por dois caminhos diferentes: um muito próximo da *intuição sensível* [pensamento intuitivo e estético] e outro mais afastado [pensamento discursivo e racional]”.

A antropologia se fará e se renovará na confluência desses dois níveis: de um lado o pensamento ‘selvagem’, de outro o pensamento ‘domesticado pela escrita’, essa intermediação, espaço que Claude Lévi-Strauss, define com sendo o lugar da arte. Uma ciência antropológica que por meio de palavras e de imagens buscará oferecer uma “representação” do real de mão dupla. Sonho com uma antropologia que seria essa forma poética e estética de pensar o mundo e os homens que nele vivem.

Acrescentarei essa terceira reflexão. Escrevia, meses atrás, a Sylvain Maresca, sociólogo francês e fino conhecedor das questões referentes ao uso da fotografia no campo das ciências sociais, perguntando-lhe o que responderia à assertiva seguinte “O quê pensam as fotografias?”. Eis a sua resposta:

“Responderia sem hesitar: nada”. E prosseguia:

“As fotografias podem fazer pensar, refletir, suscitar debates, voltas ao real ou, ao contrário, escapadas no imaginário, mas essas imagens mudas estritamente falando não pensam nada. Os fotógrafos que as produzem pensam com certeza, mas disso não dizem nada”.

“Aliás, mais do que mudas, as fotografias são “múticas”¹, no sentido de que não revelam nada daquilo que pensam. Eis uma curiosa postura que autoriza todos os discursos de interpretação e de reinterpretação. Com poucas palavras, as fotografias fazem falar”.

Ele é peremptório e, ao mesmo tempo, incerto: as imagens são múticas, diz ele, isto é, “não revelam nada daquilo que pensam”. Diria deste modo que não devemos somente ficar atentos ao que as imagens nos dizem mas, sobretudo ao que, deliberadamente, recusam-se a dizer. É tempo de pensar numa antropologia da imagem e numa antropologia da comunicação. É tempo de aprender a desdobrar as imagens, a abri-las: descobrir notadamente nelas o “tempo” : tempo dos homens, tempo das culturas.

Há pouco, falei de Lévi-Strauss e de Jack Goody, dois antropólogos que nos abriram um significativo caminho de compreensão tanto do “pensamento selvagem” oriundo da percepção e da imaginação, na perspectiva de Lévi-Strauss, quanto do “pensamento domesticado” pela escrita, na perspectiva de Goody. Resta conhecer e descobrir, neste momento, uma outra pesquisadora, Anne-Marie Christin, que, num diálogo com eles, levanta outras interpelações heurísticas em torno da imagem, da fala e da escrita.

A palavra nasceu da imagem. A escrita nasceu da imagem. Ambas devem sua existência e sua eficácia à imagem. Eis o que, resumidamente, Christin (1995) nos diz.

Christin reverencia Goody e Lévi-Strauss, lembrando-lhes não sem uma fina ironia que “o alfabeto é a escrita dos etnólogos”. Constata, sobretudo, que a tradição ocidental praticamente sempre concebeu a escrita como sendo uma codificação socialmente sistematizada de palavras, a “transcrição da palavra”, uma “redução da palavra a formas gráficas” como declara o próprio Goody (1979 [1977]: 48). E a autora retruca:

Há de se perguntar o que explica o fato de que [...] a idéia de pensar a escrita, para alguém deste alfabeto que, literalmente, caiu do céu [...], permaneceu no Ocidente, por tanto tempo, desprovida de interesse. Menos ainda se podia imaginar que existiria uma filiação entre escrita e imagem. (Christin, 1995: 24).

Para Christin, a escrita não reproduz a palavra, ela a torna visível. Acrescenta:

A mutação da imagem em escrita confirma de forma bem clara, mas também bastante enigmática, uma observação, no entanto, simples: o *espaço*² é o único *dado formal* que permanece idêntico em cada uma delas. Como se esse [o espaço] constituísse um princípio comum a ambas, a imagem e a escrita, e como se a ele se devesse até mesmo a redução da figura em signo”
(Christin 1995:17, grifos nossos).

¹ “mutique” na língua francesa remete a algo, a alguém “que se recusa a falar”

² Esse “espaço”, ela qualifica ainda como “fundo”, como “tela”, “quadro”, “vazio capaz de engendrar uma forma inédita”

É deste pensamento sobre o “fundo”, desta reflexão sobre o vazio – não um vazio neutro e, sim, capaz de engendrar por sua vez uma “forma” inédita – que pertence a mão do homem e que se inscreve como tal no mundo, no qual eclodiu a escrita (1995:20).

Para Christin, a escrita é duplamente uma imagem. Ela já é uma imagem na medida em que não pode existir a não ser sob uma forma visual, com seus traços, suas curvaturas, suas espessuras, seus infinitos desenhos, seus espaços. A escrita é primeiramente uma figura. Mais profundamente, todavia, a escrita remete a uma outra imagem, desta vez, constitutiva: a imagem do “fundo”, da “tela”, do “quadro”, do “vazio branco” da página. Sem esse vazio “capaz de engendrar”, as escritas não existiriam. O fundo a partir do qual pode nascer e surgir a escrita é uma imagem, uma imagem de cuja a existência acabamos nos esquecendo.

Com base nessa instigante maneira de (re)pensar os meios de comunicação que conhecemos e aqueles que hão de vir, ofereço três reflexões finais.

Redesenhar uma epistemologia da comunicação

1) A fala será sempre uma memória de imagens, pois cada palavra nasce do esforço singular feito pelo ser humano no momento de observar, registrar e nomear algo que viu ou que lhe foi mostrado. A escrita será sempre, por sua vez, uma memória da memória de imagens. O que dizer, nesse sentido, sobre as “memórias” embutidas em nossos computadores?

2) A escrita não é outra coisa senão uma grafia [isto é uma superfície e um campo que abrigam e preservam uma memória de imagens]. Se aquilo que procuramos dizer dela com relação à “imagem” tem sentido, valerá a pena perguntar o que representam a fotografia, a cinematografia, a videografia, a infografia, a tipografia, a caligrafia, em termos heurísticos.

3) De imediato, penso que chegou o momento de repensar seriamente a epistemologia da comunicação ameaçada na questionável matriz logocêntrica de nosso ocidente. O verbal escrito instaurou-se como ordem epistemológica e fizemos tanto da fala quanto da escrita, as crenças (para não falar em dogmas) e as alavancas de nossas faculdades de apreensão e de inteligência. Não é somente possível como necessário livrar-se desta epistemologia da comunicação que ignora, enquadra e reduz a indizibilidade e a riqueza polissêmica do sensorial humano. Depois de Aristóteles, Tomás de Aquino tinha razão, no século 13, de lembrar aos seus contemporâneos, novos letrados, que “nada há no intelecto que não tenha estado nos sentidos”³.

Campinas, abril de 2008

Bibliografia de referência:

- Christin, Anne-Marie - 1995 - **L'image écrite ou la déraison graphique**, Paris: Flammarion (Idées et Recherches). Não existe ainda uma versão portuguesa.
- Christin, Anne-Marie - 2000 - **Poétique du Blanc. Vide et Intervalle dans la Civilisation de l'Alphabet**. Leuven:Peeters.
- Dubois, Philippe - 2004 - “Máquinas de imagens: uma questão de linha geral”, in **Cinema, vídeo, Godard**. São Paulo: Cosac Naify, p.31-67. Original francês: 1998.

³ Nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu.

- Godard, Jean-Luc - 1998 - **Histoire(s) du cinema**. 3. La monnaie de l'absolu. Une vague nouvelle. Paris: Gallimard-Gaumont..
- Goody, Jack - 1977 - **The Domestication of the Savage Mind**. Cambridge:Cambridge University Press [Versão portuguesa: **Domesticação do Pensamento Selvagem**. Lisboa: Presença, 1988; Versão francesa: **La raison graphique. La domestication de la pensée sauvage**. Paris: Éditions de Minuit, 1979]
- Goody, Jack - 1986 - **La logique de l'écriture. Aux origines des sociétés humaines**. Paris: Armand Colin. [Versão portuguesa: **A lógica da escrita e a organização da sociedade**. Lisboa: Ed. 70, 1987]
- Goody, Jack. - 1994 - **Entre l'oralité et l'écriture**. Paris: Presses Universitaires de France, 1993 [original inglês: **The interface between the written and the oral**, 1993].
- Lévi-Strauss, Claude. - 1962 - **La Pensée Sauvage**. Paris: Plon.
- Samain, Etienne - 1994 - "Oralidade, escrita, visualidade. Meios e modos da construção dos indivíduos e das sociedades", in **Perturbador Mundo Novo. 1492-1900-1992. História, Psicanálise e Sociedade Contemporânea** (Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo [Org.] e Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho [Coord.]), São Paulo :Escuta,. p.289-301.